

## **BODY ART: UM OLHAR POÉTICO SOBRE ESSES TRÂNSITOS CONTEMPORÂNEOS**

*Body art: a poetic look at these contemporary influences*

SILVA, Luciana da; Graduada; FESP/UEMG, [lscluciana@hotmail.com](mailto:lscluciana@hotmail.com)<sup>1</sup>

CUNHA, Claudiene P. R. da; Graduada; FESP/UEMG, [clau.uai@hotmail.com](mailto:clau.uai@hotmail.com)<sup>2</sup>

SILVEIRA, Maria Isabel S. C.; McS; FESP/UEMG; [bell\\_silveira@hotmail.com](mailto:bell_silveira@hotmail.com)<sup>3</sup>

### **Introdução**

Partindo do ponto de vista biológico todos os homens e mulheres são praticamente iguais. No entanto, do ponto de vista da cultura nos diferimos no modo de agir e pensar, “[...] Os homens e mulheres são animais como todos os outros que habitam o planeta Terra, porém são os únicos que possuem cultura” (KURY; HARGREAVES; VALENÇA, 2000, p. 9).

A cultura em si representa para os seres humanos uma parte da identidade<sup>4</sup>. O modo como nos caracterizamos visualmente e também como agimos diz muito sobre o que somos e no que acreditamos.

Até há alguns anos, o corpo era entendido como pertencente à natureza: era uma herança que cada indivíduo recebia e, por conseguinte, era visto como algo pronto e acabado. Cada indivíduo deveria conviver com o corpo com que nascera e, se

---

<sup>1</sup> Luciana da Silva - graduanda em Moda e Design (FESP/UEMG), trabalha como figurinista teatral para o grupo Trupe Ventania (filiação a ADESC), consagrada com a premiação – Melhor Figurino no XIII FACE – Festival de Artes Cênicas de Conselheiro Lafaiete. Linhas de pesquisa: Corpo/ Figurino/ Modelagem.

<sup>2</sup> Claudiene Patricia Ribeiro da Cunha - graduanda em Moda e Design (FESP/UEMG), trabalha como designer de moda no Projeto Empreendedorismo Amigo (FESP/UEMG). Linhas de pesquisa: Imagem/Corpo e Comunicação.

<sup>3</sup> Maria Isabel Sulino Carvalho Silveira – McS. em Design (UAM). Esp. Metodologia e Did. do Ens. Superior (FESP/UEMG). Graduada em Moda e Design (FESP/UEMG) e Adm. de Empresas (FECOM). Professora na FESP/UEMG, sócia da Observatório Cons. e Acess. Ltda. e instrutora de cursos e palestras - SENAC MINAS.

<sup>4</sup> O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas (HALL, p. 12, 2011).

ele não era belo ou saudável, deveria resignar-se. Em oposição a esse discurso, hoje o corpo é visto como projeto. É, portanto, inacabado. Tem-se uma imagem de um corpo idealizado e, em relação a ele, o corpo de cada um é sentido como uma falta. É, então, imperfeito, errado, defeituoso e, por conseguinte, suscetível de ser corrigido, modificado, consertado. O corpo é da ordem da cultura e não da natureza (FIORIN, 2008, p. 149).

Então os modos de ser e de agir são distintos em todas as partes do mundo. Dessa forma mesmo dentro de um grupo não podemos dizer que os valores culturais são totalmente iguais, uma vez que somos influenciados em primeiro lugar pelo olhar familiar, depois pela escola, sociedade, lugares por onde passamos, assim podemos dizer que não temos uma identidade genuína, “Em outras palavras, o corpo humano é submetido a um processo de humanização, e a sua experiência é sempre modificada pela cultura [...]” (QUEIROZ, OTTA, 2000, p. 21).

Criamos nossos próprios valores segundo nossa cultura, fazemos parte de uma mistura de princípios a partir do qual nossas ações são guiadas. De acordo com (KURY; HARGREAVES; VALENÇA, 2000, p. 9) [...] “os diferentes grupos humanos criam para si sistemas de crenças e valores que dão sentido às suas vidas e orientam suas condutas”.

De modo que, um dos principais meios de expressão cultural é o nosso corpo, uma vez que “O ser humano é impulsionado, desde que toma consciência de seu ser, a retocar plasticamente o corpo de múltiplas maneiras, por meio de inserções ou modificações culturais (CASTILHO; MARTINS, 2005, p. 92)”.

#### **Objetivos e relevância da pesquisa**

Apesar de a comunicação corporal mudar com o passar dos tempos e de cultura para cultura, essas escrituras corporais continuam a desempenhar funções de identidade, memória e comunicação visual (ARAUJO, 2005). Deste modo, é importante para estudantes de moda pesquisar sobre o seu suporte de trabalho, neste caso o corpo. Portanto, o objetivo deste projeto de pesquisa é conhecer um pouco mais sobre as transformações corporais.

#### **Discussão**

Por meio da história, constatamos que a utilização do corpo como objeto cultural, acontece desde nossos primeiros ancestrais. Os povos primitivos usavam seus corpos como forma de se identificarem e diferenciarem de outras tribos, e também como forma de poder místico.

Podemos observar também que há diferentes formas de representação do corpo, nas mais diversas culturas, que passaram por modificações ao longo do tempo e continuam a passar à medida que a sociedade se transforma.

A chegada da tecnologia e as descobertas científicas trouxeram uma bagagem de interferências e modificações no comportamento humano e na maneira como vemos e interpretamos nossas relações com o corpo. Para captar a essência dessas interferências e modificações, é preciso uma linguagem poética, diferente da verbal, que torne possível essa interpretação. E é no

campo da arte e da moda que encontramos tal linguagem (PIRES, 2005), deste modo.

A arte, independentemente do tipo de linguagem que utilize, possui um vocabulário que permite evocar e trazer à tona, mesmo que de forma não muito clara, imagens e sensações mantidas no inconsciente. Através desse processo, ela busca resgatar a tradução primeira de cada indivíduo e de todos eles. (PIRES, 2005, p. 60).

Passando pela moda, ao longo de toda sua história, observamos que sua forma de expressão está intrinsecamente ligada com o corpo. Já que, usando o corpo como suporte é que a moda encontra sua forma de expressão. E nessa ligação está embutida “alguns dos principais recursos de interferência e transformação do corpo (MESQUITA, 2004, p. 66)”.

Isto porque, com o uso da roupa aproveitamos a liberdade para criar uma segunda pele, que foi escolhida por nós e não nos dado com nosso nascimento. Com ela podemos criar de inúmeras formas, a partir de informações ditadas pela mídia, ou utilizando nosso gosto pessoal que nos diferenciam dos outros. Assim, usamos o corpo como suporte de diferenciação e caracterização do que somos e de como queremos ser vistos. Para (CASTILHO; MARTINS, 2005, p. 33), “podemos dizer que nos vestimos pensando em nossa aparência”. Do mesmo modo, utilizamos as interferências corporais como por exemplo tatuagens, *piercings*, etc.

Observa-se, de fato, um novo sujeito contemporâneo que, ao se aproximar da moda, passa a instigar o consumo não apenas de produtos, mas também de imagens, modelos diferenciados de corpos, estilos de vida, em uma crescente ressignificação do tempo e do espaço, que se evidencia pela reorganização de imagem do corpo, ou mais especificamente de imagens do corpo *da e na* moda (CASTILHO, 2012, p. 89).

Assim, na contemporaneidade as formas de expressões corporais são diversas. As intervenções e as criações artísticas sobre o corpo como as tatuagens possibilitam que o indivíduo imprima sobre sua pele uma marca que lhe identifique ou simplesmente o satisfaça, deste modo.

[...] Com inúmeras possibilidades de inscrição, convidativo às intervenções e estimulado no exercício do discurso e da poética, o corpo torna-se o principal suporte de expressão do poder do ser humano quanto a si próprio, à sua subjetividade e até mesmo quanto ao seu destino, num momento de extremas e constantes destabilizações (MESQUITA, 2006, p. 64).

Então em meio as destabilizações contemporâneas estão as modificações corporais, como tatuagens, *piercings*, escarificação ou implante, que carregam uma linguagem elaborada pelo indivíduo que as usam a fim de que somente ele entenda o real significado de suas marcas pessoais e assim transmitir ou não essas informações, que são mantidas por uma linguagem codificada (PIRES, 2003).

Então, com a universalidade cultural passamos a compreender melhor o significado que algumas marcas ou expressões corporais carregam em sua bagagem cultural. Desde os povos primitivos até os dias de hoje, indivíduos de todas as culturas e em cantos mais remotos do mundo, usam o corpo como expressão de sua arte e de seu estilo de vida.

Não significa que todos necessitam ter seus corpos marcados para que suas emoções sejam conhecidas, mas alguns usam desse artifício para serem notados, o que muitas vezes causam uma estranheza nas pessoas que os observam e assim ao invés de inclusão, há a exclusão.

Essas interferências se fazem cada vez mais presentes na sociedade, deste modo é palpável ser palatável a essas modificações corporais. As pessoas que apreciam essas modificações quase sempre encontram respaldo no mundo da moda, onde as constantes mudanças culturais se refletem.

A moda funciona por meio de códigos de inclusão e exclusão. Há que se estabelecer o gosto dominante e atingir um nível em que ele se torne palatável para as grandes massas. Não é toda mudança que alcança as dimensões da moda. . Compreender a dinâmica da moda é tentar explicar, numa perspectiva histórica, seu mecanismo surpreendentemente enigmático, construído sobre imitações e novidades na busca simultânea de aceitação e singularidade (ABRANTES, 2006, p. 104).

Vale ressaltar que ao imprimir uma marca em seus corpos, esses indivíduos estão buscando em um primeiro momento a diferenciação, a dissociação dos padrões impostos pelo meio, sua individualidade (PIRES, 2005). No entanto, podemos observar um paradoxo acontecendo na moda contemporânea a partir do fato de que a moda é um sistema contraditório por natureza, ao mesmo tempo que oferece ao indivíduo suportes para sua diferenciação, serve também como uma padronização do vestuário (MESQUITA, 2006). Deste modo:

No momento em que a reivindicação das identidades mantém-se como um modo clássico de resistência contra a homogeneização cultural, esses espectros imóveis consagram a força de um modelo mundial de identificação. (HENRI-PIERRE, 2002, p. 12)

### **Metodologia**

Projeto de abordagem qualitativa, caracterizado como pesquisa bibliográfica e utilização de levantamento bibliográfico em livros, sites, artigos, documentos, internet, etc.

### **Considerações finais**

Essa busca incessante por transformações e experimentações “chama a atenção para o fato de que o homem sempre teve relação problemática com a própria imagem [...] (VILLAÇA, 2011, p. 57)”, sempre procuramos nos diferenciar de alguma forma das outras pessoas ou transformar algo em nosso corpo que não nos agrade ou não esteja de acordo com nossas convicções ou estilo de vida.

No que diz respeito ao avanço científico referente ao estudo do corpo e seus componentes externos, cada vez mais observamos que o ser humano tem a possibilidade de ter um corpo segundo suas idealizações. Essas intervenções artísticas sugeridas nos dias atuais são conhecidas como *body art* ou *body modification*.

#### Referencias

ABRANTES, S. Escrituras do corpo: 1910 -1920. In: VILLAÇA, N.; CASTILHO, K. Plugados na moda. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2006, p. 103-108..

ARAUJO, L. Tatuagem piercing e outras mensagens do corpo. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

CASTILHO, K. Introdução: corpo e imagem no mundo contemporâneo. In: FAÇANHA, A; MESQUITA, C. Styling e criação de imagem de moda. São Paulo, SP: SENAC, 2012.

FIORIN, J. L. O corpo representado e mostrado no discurso. In: OLIVEIRA, A. C. de; CASTILHO, K. Corpo e Moda: por uma compreensão do contemporâneo. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores, 2008, p. 137 -150.

JEUDY, H.P. Trad. Tereza Lourenço O corpo como objeto de arte. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

KURY, L.; HARGREAVES, L.; VALENÇA, M. L. Ritos do corpo. Rio de Janeiro: SENAC Nacional, 2000.

MARTINS, M. M.; CASTILHO, K. Discursos da moda: semiótica, design e corpo. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.

MESQUITA, C. Moda contemporânea: quatro ou cinco conexões possíveis. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004.

PIRES, B. F. O corpo como suporte da arte: *piercing*, implante, escarificação, tatuagem. São Paulo: SENAC, 2005.

QUEIROZ, R. D. S.; OTTA, E.. O corpo do brasileiro: estudo de estética e beleza. São Paulo: SENAC, 2000.

VILLAÇA, N. A edição do corpo: tecnociencia, artes e moda. São Paulo: Estação das Letras, 2011.